

FRANCISCA CLOTILDE E RACHEL DE QUEIROZ: “CEARENSIDADE”, PIONEIRISMO E RECHAÇO EM MEDIDAS DESIGUAIS

*FRANCISCA CLOTILDE AND RACHEL DE QUEIROZ: “CEARENSITY”, PIONEERING
AND REJECTION IN UNEQUAL MEASURES*

Yzy Maria Rabelo Câmaraⁱ
Yls Rabelo Câmaraⁱⁱ

Resumo: Este artigo, uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório, analisa Francisca Clotilde e Rachel de Queiroz, nordestinas envolvidas com causas literárias, políticas e sociais quando estes espaços eram hegemonicamente masculinos. Francisca Clotilde, a primeira professora da Escola Normal do Ceará e a primeira dona de escolas particulares mistas no estado, impactou a sociedade de sua época por sua vinculação com a erudição, por ousar viver uma relação adúltera e ainda publicar um romance cujo título é *A Divorciada* (1902), atraindo para si o repúdio. Rachel de Queiroz escreveu profissionalmente desde a adolescência e seu romance inaugural a tornou reconhecida. Recebeu vários prêmios literários e foi a primeira mulher a adentrar na Academia Brasileira de Letras. Também teve um amor proibido: seu envolvimento com convicções políticas que a fizeram ser perseguida politicamente. Este estudo visa colocá-las em paralelo sob a perspectiva de Almeida (2006; 2007; 2008), Almeida (2012), Câmara e Câmara (2015) e Câmara, Câmara e Soutullo (2015), dentre outras e outros pesquisadoras/es. Concluimos que, desviando-nos de anacronias e centrando-nos nos fatos, ainda que o nome “Rachel de Queiroz” normalmente surja instintivamente quando tratamos de “escritoras nordestinas” e, principalmente cearenses, Francisca Clotilde foi uma das escritoras mais silenciadas da historiografia literária nacional.

Palavras-chave: Pioneirismo; Escritoras Silenciadas; Beletristas Cearenses dos Séculos XIX e XX.

Abstract: *This article, a bibliographical review with a qualitative approach and exploratory objective, analyzes Francisca Clotilde and Rachel de Queiroz, Northeastern women involved with literary, political and social causes when those spaces were hegemonically masculine. Francisca Clotilde, the first teacher at Escola Normal do Ceará and the first owner of mixed private schools in the state, impacted the society of her time due to her connection with erudition, for daring to live an adulterous relationship and also publishing a novel whose title is *A Divorciada* (1902), attracting repudiation. Rachel de Queiroz had been writing professionally since she was a teenager and her debut novel made her famous. She received several literary awards and was the first woman to join the Academia Brasileira de Letras. She also had a forbidden love: her involvement with political convictions that made her politically persecuted. This study aims to place them in parallel from the perspective of Almeida (2006; 2007; 2008), Almeida (2012), Câmara and Câmara (2015), and Câmara, Câmara and Soutullo (2015) among other researchers. We conclude that, avoiding anachronies and focusing on the facts, even though the name “Rachel de Queiroz” normally appears instinctively when we talk about “Northeastern female writers” and, mainly from Ceará, Francisca Clotilde was one of the most silenced female writers in national literary historiography.*

Keywords: *Pioneering; Silenced Female Writers; Female Belletrists from the 19th and 20th Centuries in Ceará.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Doutoranda em Psicologia Social pela Universidad John F. Kennedy. Docente da UNIQ, UNIFOR, UniChristus e Núcleo Resistir (Suicidologia) em cursos de Pós-Graduação e no Instituto Educacional Meira Barbosa (IEMB) em Psicologia Hospitalar. *E-mail:* yzycamara@gmail.com.

ⁱⁱ Doutora e Mestre em Filología Inglesa (Letras – Língua Inglesa) pela Universidad de Santiago de Compostela, na Galiza, Espanha, com Estágio Pós-Doutoral em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Idealizadora, Orientadora e Líder do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. Professora Visitante na UECE e Pesquisadora da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). *E-mail:* ylsacamara@hotmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Normalmente, quando o assunto é ineditismo feminino na Literatura Cearense, o nome de Rachel de Queiroz é o *top of mind*. Ela foi grande, mas tivemos e temos outras igualmente grandes – dentre elas, Francisca Clotilde. Infelizmente, os tempos eram outros e esta não obteve, como aquela, em seu momento e durante muito tempo após sua morte, a mesma aceitação por parte do público leitor e a mesma consideração da crítica literária para com a sua obra e seu espólio literário – porque incursionara entre a Educação, a política e a Literatura quando esses ambientes eram impermeáveis às mulheres.

Como este dossiê versa sobre as escritoras nordestinas que o Cânone Literário Brasileiro ostracizou, trazemos aqui essas duas escritoras cearenses, mas dando mais ênfase a Francisca Clotilde porque, das duas, ela foi a que realmente sofreu um verdadeiro rechaço, sendo silenciada e apagada por seus pares e permanecendo assim até muito recentemente, mau grado seu. Rachel de Queiroz, nesse sentido, sofreu bem menos intolerância à sua obra-prima e ao seu legado literário que não fosse a desconfiança inicial por parte dos públicos leitor e crítico à pessoa supostamente por trás d' *O Quinze* – e que não poderia ser uma mulher, pensavam eles, devido à sua complexidade e excelência – qualidades associadas pela crítica literária da época apenas ao elemento masculino.

Este artigo, fruto de uma revisão bibliográfica, é a concretização de uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório. Destarte, na próxima seção, apresentamos as duas intelectuais, suas vidas e suas obras; e na seguinte, discorreremos sobre algumas aproximações entre ambas.

Após essa comparação, ficará nítido que essas duas escritoras cearenses vanguardistas, tal como aponta o título deste trabalho, foram amordaçadas pelo falocentrismo que reinou em nossas letras até pouco tempo atrás – mas em medidas bem diferentes e sendo uma bastante mais injustiçada do que a outra.

1 MARCO TEÓRICO

1.1 Francisca Clotilde: beletrismo, militância, docência, resiliência e resistência

Conforme Almeida (2006; 2007; 2008) e Almeida (2012), Francisca Clotilde Castello Branco Correia Lima foi uma notável educadora, jornalista, contista, poetisa – especialmente sonetista –, dramaturga e tradutora nascida no município cearense de Tauá, no Sertão dos

Inhamuns, uma região tórrida e sofrida, em 19 de outubro de 1862. A sua era uma família tradicional, com prestígio político e sedimentada em valores cristãos, patriarcais e conservadores, que tinha o patrimônio de 13 imóveis, além outros constantes em inventário, somente no município de Baturité – para onde se mudariam mais adiante, fugindo das constantes estiagens e das epidemias avassaladoras.

Na região serrana de Baturité, a 95 km de Fortaleza, Francisca Clotilde teve acesso ao curso primário com a Professora Ursulina Furtado. Finalizou os estudos na capital, no Colégio da Imaculada Conceição e na Escola Normal Pedro II – instituição que passaria a ser nomeada de Escola Normal do Ceará e que, anos mais tarde, a acolheria como docente. A possibilidade de se ter uma educação formal era um fenômeno pouco comum para as mulheres de sua geração (Almeida, 2006; 2008; Silva, 2016).

Já formada pela Escola Normal e de volta a Baturité, onde sua família seguia morando, ela casou-se, aos 18 anos, com o jovem Francisco de Assis Barbosa Lima, conhecido como “Zeguedegue”, passando a assinar como Francisca Clotilde Barbosa de Lima. O casamento foi extremamente insatisfatório para ela visto que Zeguedegue era viciado em bebidas alcoólicas e jogos de azar. Pouco tempo depois de casados, sem profissão definida, entregue a vícios e adoecido mentalmente, ele foi encaminhado para o Asilo Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, de onde empreendeu fuga e permaneceu na condição de desaparecido. Não encontramos nenhum documento que sinalize a temporalidade de sua ausência e pouco se guardou de conhecimento sobre o jovem – apenas que o mesmo era de família abastada da região do Maciço de Baturité (Almeida, 2012).

Sem qualquer informação sobre o paradeiro de seu esposo, Francisca Clotilde retornou para Fortaleza e passou a se dedicar integralmente à Literatura e à docência. Em conformidade com Almeida (2008) e Silva (2016), muito precocemente, antes dos 15 anos, Clotilde publicara no *Jornal Cearense* o texto “Horas de Delírio” e, aos 20 anos de idade, começou a escrever profissionalmente. Igualmente prematuro foi seu ingresso no Magistério, tendo rompido barreiras para trabalhar a troco de remuneração e sair do ambiente doméstico que a esperava. Assim, tornou-se a primeira mulher a lecionar na Escola Normal do Estado do Ceará, aos 22 anos. Em 1885, foi nomeada diretora do ensino primário da cadeira feminina superior anexa à Escola Normal do Ceará.

Paralelamente à sua lida como educadora, contribuiu de maneira muito ativa e constante para com a Literatura e a imprensa por meio da produção e publicação de artigos, poemas, contos, crônicas, peças teatrais, críticas literárias, anúncios, traduções e charadas para periódicos locais, nacionais e um internacional (Almeida, 2012). Sua escrita tem por foco a

contribuição para com movimentos políticos do momento, pautados nas lutas pela emancipação feminina e pela abolição da escravatura. Com tanta entrega ao que acreditava, foi uma imprescindível membra da Sociedade das Senhoras Libertadoras ou Sociedade Abolicionista Cearense Libertadora, como explica Almeida (*ibidem*).

Devido às manifestações políticas de sua parte, Francisca Clotilde sofreu represálias, principalmente por sua atuação no Movimento Pró-Rabelista, o que lhe gerou problemas e antipatias tanto em sua vida profissional quanto em seu entorno familiar – já que seus pais eram de uma família conservadora do interior cearense e, tendo sido ela educada em um colégio de referência em termos católicos, esperava-se que fosse uma mulher obediente e em absoluto rebelde e questionadora (Almeida, 2006; Almeida, 2012). No início do século XX, no ano de 1904, participou do levante contra a Oligarquia dos Accyoli, impondo-se com ousadia contra os detentores do poder e tornando-se uma das fundadoras da Liga Feminina Cearense, que correspondeu à primeira agremiação literária para mulheres no Ceará.

Escrevendo para o jornal *O Combate*, em 1886, ela estreitou o vínculo que já tinha com um colega de profissão, o Capitão Antônio Duarte, que era diretor e jornalista do referido periódico, fundador do jornal *A Evolução* e professor de Aritmética e Geometria no Liceu do Ceará (Almeida, 2012) – cujo prédio localizava-se ao lado das edificações da Escola Normal, na atual Praça José de Alencar, então Praça Marquês do Herval. O casal se apaixonou estando Francisca Clotilde ainda legitimamente casada e desconhecendo completamente se já era viúva ou não. Ainda que com essa incerteza, o casal passou a viver uma relação pautada em muito amor, admiração e respeito mútuos – apesar do desgosto causado por ela à família e da ruptura que provocou socialmente ao solapar os ideais destinados à mulher respeitável de sua época.

Consoante Almeida (2006; 2007; 2008), chocando o Ceará provinciano oitocentista, Francisca Clotilde aceitou tomar o cálice amargo do desprezo e do apagamento familiar, intelectual, laboral e social ao desprezar o *status* de casada para assumir corajosamente a condição execrada de adúltera, amasiando-se com o Capitão Antônio Duarte e tendo filhos com ele: Maria Angélica (falecida pouco tempo depois do nascimento), Antonieta Clotilde, Aristóteles e Arquimedes (falecido aos dois anos de idade). O ato, escandaloso para uma província com marcados valores moralistas, os levou a enfrentar incontáveis e infundáveis preconceitos – especialmente ela: mulher casada, mãe e professora da renomada Escola Normal do Ceará, que ensinava os bons costumes às discentes. Como se não bastasse a vivência de tanta repulsa, infelizmente o Capitão faleceu precocemente, aos 35 anos, em 1893, quando ela contava com apenas 32.

Exonerada do corpo docente da Escola Normal em 1890 e deixando a carreira de professora efetiva pública e diretora ao ter sido destituída da função, fundou, em Fortaleza, o Externato Santa Clotilde, no ano de 1891, às expensas próprias – iniciativa que encontrou como forma honrada de sustentar financeiramente a si e aos seus filhos. Pioneira como sempre, sua escola foi o primeiro estabelecimento particular de ensino misto do Ceará, onde crianças de ambos os sexos estudavam nas mesmas salas e turnos, diferentemente do que ocorria no ensino público (Almeida, 2012).

Foram tempos difíceis, e passando por muitas dificuldades financeiras, o externato foi fechado após três anos de funcionamento. Ela retornou para Baturité com os filhos, já que tinha familiares ali que a poderiam fornecer suporte econômico a ela e sua prole, mas, ao chegar, foi impactada pela notícia de que seu marido havia retornado. Mesmo depois do tempo de desaparecimento, Francisco de Assis ainda tinha poder legítimo de esposo sobre o corpo de Francisca Clotilde. Foi assim que ela foi obrigada a retomar seu casamento insípido com um homem irresponsável e seguiu gerando descendência. Com ele, teve duas filhas: Tertulina e Ângela Clotilde.

Almeida (2008) afirma que apesar do retorno à convivência marital indesejável, seu amor pelo Capitão Duarte continuou fiel e inquebrantável até o seu último dia de vida. Em Baturité, em 1897, Clotilde refundou o Externato Santa Clotilde, e em 1906, fundou a revista *A Estrella* juntamente com a filha Antonieta Clotilde e a sobrinha Carmem Thaumaturgo. Francisca Clotilde sentia-se solitária, sem apoio familiar nem social e precisava suprimir as dores anímicas para poder continuar ministrando aulas, gerindo sua escola e sua revista e escrevendo literariamente, estando ligada por laços matrimoniais a um homem que não amava e amando outro, já falecido. Apoiava-se animicamente nas memórias que tinha com este, escrevendo missivas ao seu amado “Capitãozinho”, como ela o chamava, dando-lhe ciência de tudo o que acontecia e de como sua filha e filho estavam (Almeida, 2012).

Foi enfrentando suas dores que nove anos depois da morte de Antônio Duarte Bezerra, ela chocou seus contemporâneos ao ousar romancear sobre um tema tabu e completamente descabido naquele momento – um tema antifamília, de acordo com Almeida (*ibidem*) –, como o era o divórcio. Assim, aos 40 anos, publicou seu polêmico romance *A Divorciada*, seu único, em 1902, atraindo ainda mais a antipatia popular sobre si por ser insubmissa e não aceitar os rígidos códigos de conduta destinados para as mulheres de seus dias.

Independentemente do lugar marginal de invisibilidade social que lhe reservaram, Francisca Clotilde continuou sua trajetória na Literatura e na docência, mantendo-se firme contra tudo o que feria a sua honra, sendo vanguardista em continuar produzindo seus escritos

literários e jornalísticos locais e nacionais pautados em questões políticas e de emancipação da mulher, participando de agremiações literário-políticas e atuando no Magistério até o final (Silva, 2016).

Em 1908, mudou-se com a família para outro município, Aracati, no litoral do estado cearense, transferindo o Externato Santa Clotilde para lá, que agora contava com as contribuições das filhas Ângela Clotilde e Antonieta Clotilde. Essa escola foi referência de qualidade em Educação e considerada a melhor de toda a Região Jaguaribana, sendo inovadora na implantação das artes cênicas na Educação a partir das peças escritas por Francisca Clotilde e encenadas pelo corpo discente. As três escolas que ela fundou tinham por características serem mistas, particulares e conveniadas ao serviço público e pautadas nos princípios educacionais de Pestalozzi, abraçando a docência regida pelo respeito, amor, cuidado, carinho e valorização do alunado (Almeida, 2006; 2007; 2008; Silva, 2016).

Consoante Almeida (2006; 2007; 2008), Almeida (2012) e Silva (2016), já sem sua sobrinha, Francisca Clotilde deu continuidade, junto com Antonieta Clotilde, às publicações d'*A Estrella* – que se tornara o veículo de comunicação organizado por mulheres mais longo do estado do Ceará até então –, com leitores assinantes locais e nacionais, encerrando suas atividades no ano de 1921 e totalizando 193 edições em 15 anos de funcionamento. Com o decurso do tempo somado ao cansaço e às muitas frustrações que tivera, Francisca Clotilde foi abdicando de suas participações nos movimentos sociais, dando continuidade apenas ao seu labor de docente e de beletриста até seu falecimento em 8 de dezembro de 1935, aos 73 anos, no município de Aracati, onde vivera seus últimos e produtivos anos, depois de mais de meio século dedicado à Literatura e à cultura, à Educação e ao conhecimento compartilhado.

Sua prolífica produção escrita está plasmada no legado literário com o qual nos obsequiou. À luz de Almeida (2008), ela colaborou, dentre outros, com os seguintes jornais e revistas: *Cearense* (1877-1884); *Libertador* (1881-1891); *O Bathel*, da Paraíba (1881-1883); *Paladino*, do Acre (1881-1883); *A Família*, de São Paulo (1881-1883); *A Família*, do Rio de Janeiro (1883-1897); *Revista Contemporânea* (1884); *A Quinzena* (1887-1888); *A Evolução* (1888-1889); *Gazeta do Sertão* (1893); *Ceará Ilustrado* (1894); *Iracema* (1895-1900); *O Combate* (1896); *A República* (1896-1901); *Almanach do Ceará* (1897-1919); *A Mensageira* (1897-1900), de São Paulo; *O Lyrio*, de Recife (1902-1904); *A Fortaleza* (1906); *Folha do Commercio* (1911); *O Domingo*, *A Cidade* e *A Ordem* (2011) e *Almanach das Senhoras Brazil/Lisboa* (1911).

Em relação à dramaturgia, escreveu em, 1908, *Devaneio*; *A Filha de Herodes* e *As Flores do Natal*, em 1909; *O Sol e a Lua*, em 1910; *Amparativista* e *Santa Clotilde*, em 1915;

Pérolas do Bosque, em 1918; *A Crise*, em 1919; *Visitas Importunas*, *O Bailado das Artes*, *A Toutinegra do Moinho*, *Azar do Hotel*, *Martyrio* e *Glória*, em 1921, conforme Almeida (2021). Ainda segundo esta pesquisadora (*ibidem*), F. Clotilde deixou-nos os livros: *Coleção de Contos* (1897), *Noções de Aritmética* (1889), *A Divorciada* (1902), *Fabíola* e *Santa Clotilde* (s/d) e *Pelo Ceará* (1911). Por último, mas não por isso menos importante, ratificamos sua contribuição como membra fundadora e colaboradora permanente da sólida revista *A Estrella*, que circulou pelo Ceará e por muitos outros estados brasileiros.

Mesmo assim, o pessoal sobrepujou o literário. A ojeriza que se criou em torno dessa mulher rebelde, que não aceitara ser “castrada”, perdurou até o fim, mesmo sendo ela respeitada como uma grande educadora e gestora literária. Em sua longa estrada de silenciamento e apagamento, Francisca Clotilde apenas pôde contar com os filhos, com o trabalho como professora e com suas produções literárias para suportar tanta solidão e tanto amordaçamento, conforme o desabafo de nossa fêmeageada, citado por Almeida (2008, p. 84): “Que ressoe pela imprensa, o grito que nos vem do íntimo”.

Apesar de lamentavelmente ter sofrido invisibilidade intelectual e social, afortunadamente Francisca Clotilde começou a ser reconhecida – quase um século depois de sua massiva presença entre nós –, por seu ineditismo tanto literário quanto educacional e político, tendo a segunda edição de seu incompreendido romance publicada e valorizada – mesmo após 94 anos de seu lançamento.

1.2 Rachel de Queiroz: uma mulher contextualizada em seu tempo e em seu *locus*

Segundo Câmara, Câmara e Soutullo (2015), Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, no dia 17 de novembro de 1910, no âmago de uma família politicamente influente, rica e culta, profundamente patriarcal e cristã – nestes dois últimos quesitos, era tal e como as outras de seu entorno e como a de Francisca Clotilde.

Diferentemente de suas congêneres, Rachel queria conhecer o mundo e ansiava escrever literariamente de maneira tão marcante que o mundo a conhecesse também. Praticando o exercício da leitura desde a mais remota infância e tendo José de Alencar e a avó deste – a revolucionária Bárbara de Alencar – como parentes, não nos surpreende que ela tenha tido nos genes a vocação pela escrita e que fosse inquietada pelo inconformismo. Sendo a primogênita de quatro filhos, aprendeu a ler através de manchetes de jornais e desenvolveu esse hábito com os clássicos aos quais teve acesso devido ao ambiente cultural no qual foi concebida e criada.

Dentre eles, destacamos Tolstoi, Dostoiévski, Gorki, Balzac, Anatole France, Eça de Queiroz, Jules Verne e Machado de Assis (Oliveira *et al.*, 2012).

Sua inclinação pelos idiomas, e que fariam dela uma prolífica tradutora mais à frente, foi-lhe transmitida por sua avó; sua mãe repassou-lhe o amor pelos livros; e o pai, a apetência pela política e pela justiça social. De maneira mais esquadrinhada, explicam Câmara, Câmara e Soutullo (2015), de sua mãe, herdou 5.000 livros e a devoção por Machado de Assis; de seu pai, a verve combativa e a coragem de dizer abertamente o que pensava. Sua família organizava eventos culturais em sua residência – como saraus, peças de teatro, recitações de poemas e leituras grupais, e sua avó exigia que as netas lessem para ela em francês – tamanha era a erudição dos Queiroz (Guerellus, 2009).

Conforme Câmara, Câmara e Soutullo (2015), com familiares tão sensíveis ao redor de si, Rachel de Queiroz foi plenamente apoiada por eles quando se emancipou e se envolveu em querelas políticas ainda muito jovem – sendo que, de algumas, saiu diretamente para a prisão. Educada formalmente em casa até os 10 anos de idade, foi posteriormente matriculada no Colégio da Imaculada Conceição, como Francisca Clotilde, para dali concluir os estudos na Escola Normal, onde Clotilde estudou e ensinou.

A carreira jurídica de seu pai, Daniel de Queiroz, obrigava a família a se mudar constantemente de residência, o que contou positivamente para a ampliação de horizontes e para o conhecimento de mundo dela e de suas/seus irmãos/os. Passados alguns anos, ele desistiu da profissão e voltou com a esposa e as crianças para o Sertão, legando à sua prole o apego à terra e que Rachel cultivaria até o último de seus dias. Aos 16 anos, ela já escrevia profissionalmente na página literária do jornal *O Ceará* em troca de cem mil réis como salário e dissertava sobre os modernistas de São Paulo, as conquistas feministas e a participação política ativa das mulheres (Guerellus, 2009; Oliveira *et al.*, 2012).

Seu *debut* como romancista ocorreu com a publicação de *O Quinze*, seu *Magnum Opus*, financiado pelo pai, em 1930, quando ela tinha 19 anos de idade. No romance, a autora reflete acerca de questões sociais e suas personagens são habilmente tratadas no que diz respeito à análise psicológica, entrando em desacordo com o patriarcado (Gomes, 2010). O sucesso e o reconhecimento foram imediatos. Uma das razões para esse êxito, advoga Guerellus (2009), foi que Rachel cumpriu alguns objetivos do próprio modernismo com essa publicação: a simplicidade, a objetividade e a clareza do texto.

Sem embargo, como era mulher em meio a seus colegas escritores regionalistas da Geração de 30 (Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado e Érico Veríssimo, dentre outros), seus caminhos foram atravessados por questões de gênero. Ribeiro (2013) observa que,

por outro lado, a escritora, apesar de fazer uso de uma linguagem coloquial para expressar os sentimentos de suas personagens, distanciando-se da desconstrução linguística característica dos modernistas, aproximou-se da erudição europeia, uma vez que era uma leitora voraz de autores do Velho Mundo. Estendendo essa característica para a sua vasta obra, esta é uma miscelânea que retrata os momentos de vida pelos quais a autora passou, assim como retrata também as mudanças que o mundo experienciou enquanto ela viva esteve e que foram incorporadas às suas personagens e tramas.

Seu verdadeiro amor pelo estudo e pelo aprendizado a levou a ser uma destacada jornalista, tradutora, cronista, dramaturga e romancista. Foi a primeira escritora brasileira a ganhar o Prêmio Camões – o maior prêmio literário em se tratando de Língua Portuguesa –, em 1933, e, quebrando tabus falocêntricos, foi nossa primeira beletrista a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977 – um ano importante para a conquista incipiente de causas feministas no Brasil. Por ocasião do centenário da Academia Cearense de Letras, em 1994, tornou-se uma de suas membras a partir de então.

Ao embrenhar-se pelo mundo das letras e da política em um tempo no qual estes campos ainda eram bastante impermeáveis ao elemento feminino – mas nem de longe se igualando a Francisca Clotilde nesse sentido, quando esta afrontou e enfrentou o coronelismo de sua época juntamente com a crítica atroz que se fez à sua atuação como intelectual mulher entre intelectuais homens –, Rachel de Queiroz estabeleceu um parâmetro importante no que concerne à presença e relevância da mulher no Nordeste daquele começo de século XX, profundamente atrasado em muitos aspectos.

Ela própria, como insubmissa, teve uma vida bastante diferente das de suas conterrâneas: determinou-se a escrever e publicar suas ideias em um ambiente predominantemente masculino, desafiou o sistema político vigente com seus ideais políticos esquerdistas e ainda teve dois companheiros sentimentais, tal como Francisca Clotilde o fizera antes dela, décadas antes – ainda que esta tenha sobrevivido a um verdadeiro apagamento social por haver-se envolvido em adultério, já que não sendo comprovadamente viúva, assumira uma nova relação amorosa e teve descendência com esse amante.

Ao falecer, em 4 de novembro de 2003, de problemas cardíacos, no Rio de Janeiro, Rachel de Queiroz legou-nos sete romances (todos premiados), traduções várias de autores clássicos, livros infanto-juvenis e memorialistas, além de inúmeras peças de teatro; teve, igualmente, parte de sua obra transformada em séries e filmes de sucesso (Oliveira *et al.*, 2012).

Resumidamente, Rachel de Queiroz foi o modelo sobre o qual muitas outras escritoras se basearam para imprimir sua marca na Literatura e mudar os rumos da escrita de autoria

feminina em nosso país. Contudo, sem desmerecê-la nem avaliá-la anacronicamente, acreditamos que por mais lutas que tenha empreendido em prol da realização de suas convicções, essas não se equiparam às lutas travadas por Francisca Clotilde para enfrentar a sociedade de seu tempo – até porque Clotilde não contara com a rede de apoio que teve Rachel, propiciando com que fora também tratada de maneira menos respeitosa por seus colegas de pena, críticos literários e público leitor.

Para demonstrá-lo, na próxima seção, colocamos ambas em paralelo.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando as emparelhamos, percebemos claras aproximações entre elas – mas que, infelizmente, sempre desprestigiam Francisca Clotilde em detrimento de Rachel de Queiroz, tal como expomos a seguir, em cinco subitens relacionados a essa discussão.

2.1 Seus nomes estão ligados à Educação

Como defende Almeida (2007), assim como Rachel de Queiroz faria alguns anos depois, Francisca Clotilde, aos 20 anos de idade, confrontou a sociedade que a acolheu ao buscar realizar sonhos seus e que eram tidos como pertencentes apenas à seara masculina por condizerem ao ambiente exterior ao doméstico. Sendo assim, ela prescindiu dos papéis engessados que lhe impunham à revelia – de dona de casa, esposa e mãe, de “Anjo do Lar” (Gilbert; Gubar, 1979) –, e buscando o mesmo espaço laboral que seus pares masculinos, não se intimidou com os empecilhos e críticas que surgiram e pagou o alto preço por sua coragem.

O fato de haver estudado, sendo ela uma mulher, já era transgressor o suficiente então, mas o de querer ensinar o era bastante mais; já o de escrever e publicar literariamente era impensado para uma senhorita que honrasse seu berço e a família que certamente gostaria de construir junto a seu (futuro) esposo. Seu ingresso no Magistério, nessa pouca idade – e sendo ela a primeira e, naquele momento, única professora em meio a professores (varões) na Escola Normal do Ceará, aliado a outras ações particulares e que conflitavam com o que se acreditava ser aceitável para uma moça honrada naquela época, acenderam tanto a desconfiança como a antipatia alheios por sua pessoa (Silva, 2016).

Há que se explicar que a profissão docente não era socialmente repudiada. Pelo contrário: o Magistério era uma das profissões que as mulheres pequeno burguesas da época podiam exercer sob a égide patriarcal porque não feriam os rígidos códigos de conduta daqueles

idos, e era o *locus* seguro onde elas podiam exercer suas funções maternas “naturais”, inspirando suas/seus alunas/os a terem uma vida socialmente aceita, baseada em valores pautados na disciplina, nos deveres cívicos e cristãos – católicos –, consoante Almeida (2007) e Almeida (2012). As normalistas de então podiam ensinar diversas matérias escolares como, por exemplo: Língua Portuguesa, Língua Francesa, História, Geografia, Matemáticas Elementares, Pedagogia, Metodologia e Ciências Naturais.

No contexto de Clotilde, tínhamos alguns reveses: o final do II Império e o começo da República, a abolição dos escravizados e a mecanização da indústria, a absorção das mulheres no mercado de trabalho nas cidades a um módico salário e suas condições laborais deploráveis, a ascensão de ideias higienistas e positivistas e a adesão feminina à escrita literária e sua entrada na imprensa – com lutas incansáveis pela Educação e pelo direito ao voto. Como uma pessoa cônica de seu lugar no mundo, Francisca Clotilde era comprometida com todas essas causas e fundou a primeira escola mista privada do estado do Ceará, um externato, em três momentos e nas três cidades onde morou.

Brandolt (2016) nos lembra que ela, atenta à importância da Educação e da participação feminina nas transformações sociais, lançou a revista literária *A Estrela* juntamente com sua filha Antonieta, que circulou entre 1906 e 1921. Contudo, por ter vivido uma relação considerada adúltera e ter publicado um romance sob o impensável título de *A Divorciada* (1902), nove anos após a morte desse amásio proibido, foi colocada em uma posição social bastante desfavorável e que continuou causando repúdio a tudo o que a ela se referisse nos anos que se seguiram – e até bem recentemente (Silva, 2016).

Por sua vez, Rachel de Queiroz também teve sua obra-prima igualmente vinculada à Educação. Conforme Paixão (2017), *O Quinze* privilegia o papel social da professora do Sertão do Ceará e sua função de mediação política em um momento histórico específico, denunciando, através do romance regional nordestino, a realidade objetiva de miséria e sofrimento a que o povo sertanejo estava submetido, assim como a luta deste povo para sobreviver em um contexto de seca, fome, angústia, doenças e morte. Sua importância para a Educação tem relação direta com o contexto histórico do final da República Velha (1889-1930).

Lançado em 1930, Paixão (*ibidem*) afirma que *O Quinze* atingiu o grande público no mesmo instante em que o país se encontrava com a nova conjuntura social, política e econômica voltada para a ascensão da classe média, a urbanização e a modernização – especialmente pelo ingresso no processo de industrialização. Esses fatores impactaram diretamente a Educação brasileira. As mudanças chegaram mais intensamente nos espaços urbanos, pois o novo contexto político e econômico exigia profissionais qualificados, demandando ampliação do

sistema escolar. O espaço rural, especialmente o nordestino, que era hegemonicamente marcado pelo analfabetismo, foi menos privilegiado.

A protagonista dessa obra é Conceição, uma professora que conduz a/o leitora/or a adentrar no cenário educacional da época, contraditório ao dos grandes centros urbanos. Tornar público esse cenário é uma forma também de reivindicar o espaço da Educação para a população do campo, que era por demais falho e esgotador, uma vez que Conceição foi uma mulher transgressora de seu tempo e rompedora de barreiras ao dedicar-se aos estudos e ao ensino ao invés dos papéis tradicionalmente esperados para a mulher de então: de esposa, mãe e dona de casa, como já os mencionamos.

A Conceição de Queiroz, tal como a Nazareth de Francisca Clotilde, era devotada às causas urgentes das/os mais necessitadas/os e privadas/os dos mínimos sociais nos campos de concentração e nos barracões de contenção das/os flageladas/os da Seca de 1915, consoante Câmara e Câmara (2015). De tão generosa, a professora Conceição era vista como uma santa, que encontra eco no que defende Paixão (2017, p. 32): “De pronto, o Salvacionismo e a Educação unem-se para construir, no imaginário, um arquétipo de docente que, de certo modo, ainda vigora nos dias atuais”.

Sendo sempre uma mulher combativa, Rachel de Queiroz abraçou o comunismo e sofreu retaliação por defender ideias que destoavam do que era politicamente aceito como ideal. Tendo sido presa em Fortaleza, em 28 de outubro de 1937, permaneceu no cárcere por dois anos e seus livros foram queimados publicamente. Decepcionada com o Partido Comunista, escreveu o livro *O Caminho das Pedras*, rompendo definitivamente sua contribuição para com o mesmo (Câmara; Câmara; Soutullo, 2015). Tempos depois, inacreditavelmente, ela demonstrou simpatia pelo Golpe Militar de 1964 e passou a ser vista com reserva e desconfiança pelas/os intelectuais de esquerda da época, que sofreram os resultados das perseguições políticas das quais ela se esquivou, de acordo com o que advogam Oliveira *et al.* (2012).

2.2 Colaboraram com jornais e revistas literários e projetaram-se com o romance *de debut*

Retomando o que supra expomos, a atitude inovadora de Francisca Clotilde ao escrever literariamente na imprensa nacional, em conjunto com nomes como os de Clóvis Beviláqua, Rodolfo Teófilo e Juvenal Galeno, nos dá a exata dimensão de seu poder de influência entre seus pares masculinos, sendo o sinal de que outras como ela estavam a ponto de também romperem os grilhões nos quais se tinha acorrentado a subjetividade feminina por séculos de patriarcado. Tanto é assim que mulheres com o mesmo perfil de Clotilde começaram a

congregar em clubes e associações literários no Ceará, sendo atravessadas pelas ideias liberais, positivistas, republicanas e abolicionistas que chegavam ao país juntamente com os novos ideais que penetravam pouco a pouco nos agonizantes anos finais do Segundo Império (Almeida, 2007).

Em sua escrita, Clotilde uniu estereótipos como o da mulher santa – o “Anjo do Lar” – com o da mulher emancipada, rompendo o *status quo* da imagem cimentada que se tinha do elemento feminino naqueles idos. No tocante ao seu *Magnum Opus*, *A Divorciada*, publicado como já posto antes, em 1902, as críticas e a aversão populares colocaram a escritora em uma posição extremamente vexatória, haja vista que mesmo sendo de teor bastante conservador, o romance traz à baila um tema tabu e antifamiliar para aquele tempo: o divórcio – que sequer existia então como o conhecemos em terras brasileiras desde 26 de dezembro de 1977, quando passou a ser legal no país.

Já com relação à *masterpiece* de Rachel de Queiroz, a publicação d’*O Quinze* impressionou primeiramente pela linguagem utilizada na obra – simples e direta –, espelhando o linguajar do Sertão. Ao contrário de romances regionalistas anteriores, este, como afirma Cattapan (2012), apresenta inovações – como o foco do enredo nas relações humanas e não na seca em si –, em uma narração enxuta e com o objetivo de alcançar uma maior proximidade com o público e um maior poder de penetração de sua mensagem.

Os romances nordestinos que abordavam a seca antes de *O Quinze*, segundo Câmara, Câmara e Soutullo (2015), tinham preocupações científicas e linguagem rebuscada – ainda sob a nítida influência da obra-prima de Euclides da Cunha – ou traziam uma narração excessivamente dramática e artificial. N’*O Quinze*, a descrição da seca é feita de forma objetiva, com o predomínio de substantivos sobre adjetivos e advérbios, prendendo-se ao essencial e dispensando-se o supérfluo.

A narração não se tangencia para sentimentalismos românticos nem para o brutalismo naturalista. O tom dramático está na situação descrita, à luz de Câmara e Câmara (2015). Duas outras novidades que a autora introduziu com esse romance foram a profusão de diálogos sem a quase interferência do narrador e a pluralidade de planos narrativos. Há três núcleos distintos no enredo, com protagonistas que por vezes se cruzam. A trama possui dois eixos principais, o Sertão e a cidade, atravessados pelas 21 personagens pertencentes a planos distintos em seus deslocamentos, encontros e desencontros. O movimento pendular entre cidade-Sertão-cidade representa a própria dinâmica pessoal de Rachel de Queiroz, que passava seis meses em seu apartamento, no Rio de Janeiro, e seis meses em sua fazenda (Não Me Deixes), em Quixadá, no Ceará, herança de seu pai, para logo voltar à solidão da cidade grande.

2.3 Enfrentaram a misoginia e o silenciamento e fizeram uso de pseudônimos

Mesmo em meio a escritores consagrados de suas épocas, as duas intelectuais em foco aqui utilizaram-se de pseudônimos em momentos pontuais para se esquivar de maiores críticas ao seu exercício de escrita e uma vez que abordavam temas indigestos para as sociedades, tempos e espaços onde estavam situadas. Esse era um recurso bastante comum e eficaz naqueles momentos – e antes deles, à exaustão – porque protegia quem concebia textos de conteúdo polêmico.

No que concerne a Francisca Clotilde, ela utilizou-se do nome “Jane Davy” para assinar algumas de suas obras, assim como “F. Clotilde” em outras, havendo a possibilidade ainda de ter se nomeado como “Mademoiselle”, como explica Almeida (2012). Quanto a Rachel de Queiroz, devido à sua conduta e estilo literário, houve quem duvidasse da identidade da escritora quando da publicação d’*O Quinze*, como Graciliano Ramos (1982, p. 137):

O quinze caiu de repente ali por meados de 1930 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. Depois, conheci João Miguel e conheci Rachel de Queirós (sic), mas ficou-me durante muito tempo a ideia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever João Miguel e *O quinze* não me parecia natural.

Naquele contexto, não se concebia que uma jovem escritora estreada ousasse tanto em seu argumento e estilo de escrita – tanto é que foi tida como homem, tamanha era a convicção que suas palavras impunham ao público leitor. Por mais que tentasse comprovar que era a autora de sua própria obra, o fato de ser **MULHER, JOVEM E NORDESTINA** comprometeram imensamente a sua autodefesa. Como outras de sua geração, ela adotou um pseudônimo para manter-se protegida da ferocidade da crítica. No início, Rachel de Queiroz foi “Rita de Queluz”.

2.4 Afrontaram a sociedade ao romperem com padrões impostos pelo casamento

Como vimos enfatizando ao longo deste artigo e como podemos imaginar, a vinculação proibida de Francisca Clotilde com o Capitão Antônio Duarte Bezerra foi extremamente malvista – principalmente porque não se esperava que uma senhora com o esposo desaparecido tivesse uma relação estável com outro cavalheiro e, muito menos, que estabelecesse descendência com ele. Mas ela não somente não hesitou em não ceder à expectativa popular

sobre suas atitudes como tampouco se dobrou aos maus-tratos contra si quando passou a ser ojerizada publicamente. Por infortúnio, o Capitão Duarte faleceu precoce e inesperadamente, em janeiro de 1893, deixando-a inconsolável no auge de seus 32 anos (Almeida, 2012).

Ainda que tenha sido obrigada a se relacionar com o marido quando precisou retornar com os filhos para Baturité, encontrando-o ali após o mesmo haver estado ausente por anos, em destino ignorado, Clotilde manteve-se fiel ao sentimento que nutria por seu grande amor: o Capitão Duarte. Nove anos depois do falecimento deste, ainda dilacerada de saudade, ela publicou *A Divorciada* (1902), uma obra com claros traços autobiográficos – atraindo para si ainda mais desrespeito e proscricção, como afirmam Sousa e Morais (2021, p. 91) *apud* Otacílio Colares: “[...] o estabelecimento de uma espécie de cinturão de gelo, um clima pior que o de combate – o da indiferença total e mesmo criminosa, porque significou omissão de toda a geração contemporânea da autora” (1977, p. 59-60).

Vale salientar que o divórcio somente foi legalizado no Brasil no dia 26 de dezembro de 1977, como expomos acima. Segundo Brandolt (2016), até 1890, a única forma de se ter a dissolução de um casamento institucionalizado no Brasil era se um dos cônjuges viesse a óbito. Foi então que nesse ano [1890] surgiu a primeira proposição do divórcio em nosso país. Até aquele momento, ele era previsto apenas como uma “separação de corpos”, uma condição que impedia o casal de ter novos consórcios – especialmente a mulher, cuja honra ficaria inexoravelmente manchada se o fizesse, já que o título de “separada” era *per se* acachapante.

Ainda de acordo com Brandolt (*ibidem*, p. 79), nesse romance clotildiano, diferentemente do que podemos supor a princípio, “[...] não há propriamente uma defesa do divórcio [...]. A obra, sem colocar em risco os conceitos cultivados pela esfera pública, apresenta uma forma conciliatória, associada à conduta comportada da protagonista”. E segue: “O tema do divórcio é, na obra referida, tratado com descrição e cautela, quem sabe para não considerar a história da sociedade brasileira [...]” (*idem*).

Como não se havia comprovado a morte de seu esposo, podemos imaginar o malvisto e malquisto que foi este amor irreprimível entre ambos os professores beletristas em seu entorno, quando o mundo ainda estava envolto na primeira onda do feminismo e as mulheres não militavam por direitos outros que não fossem a Educação feminina e o sufrágio universal.

Pode-se dizer que com *O Quinze*, Rachel de Queiroz estabeleceu-se como uma pioneira da Literatura feminista no Brasil (Ribeiro, 2013) – embora, tal como Lygia Fagundes Telles, gostava de dizer que não se considerava feminista. No romance, Conceição se abstém de um relacionamento no qual seria apenas uma esposa submissa, uma mãe devotada e uma dona de

casa prendada e opta pela integração social, o que por si já evidencia as concepções de cunho revolucionário da autora.

Assim como Rachel, Conceição, sua heroína, é afeita aos livros e sua formação autodidata reforça a diferença ideológica entre ela e suas congêneres. A Conceição de Rachel de Queiroz é a típica mulher do início do século XX, a meio caminho entre a criação de vínculos impostos pelo matrimônio (e a conseqüente maternidade) e a emancipação. O fato de optar por não se casar e criar sozinha o afilhado é uma patente demonstração de ousadia para a época porque é, em poucas palavras, uma afronta ao patriarcado reinante, levantada por uma jovem de 19 anos de idade em sua obra primeira, quando ainda era completamente desconhecida do público leitor e da crítica literária (Câmara; Câmara, Soutullo, 2015).

Sem inclinações matrimoniais nem maternais, Conceição não se sente pertencente ao Sertão nem se encaixa na cidade, onde não tem casa própria, e necessita se mudar de tempos em tempos, quando o contrato de aluguel expira. Vista por outro prisma, ela é alguém que busca se encontrar como singular na pluralidade de seu meio, incapaz de enquadrar-se no que lhe é imposto, assim como incapaz é de trilhar outro caminho e ser aceita socialmente ao mesmo tempo (Cattapan, 2012).

A emancipação feminina que Rachel pregava, entretanto, não a impediu de casar-se duas vezes e de ser mãe, embora sua única filha, Clotilde¹, morrer-lhe-ia aos dois anos, deixando-a para sempre desolada por esta perda jamais superada – até porque ela jamais voltaria a conceber uma vida em seu corpo novamente. Conceição, inserida ou não no contexto que define como ideal para si, é o *alter ego* da jovem Rachel de Queiroz, que ao deixar para trás a adolescência, legou-nos uma obra que se fez clássica por muitas razões; uma delas, porque reflete a escritora arrojada por trás de um romance despretensiosamente simples.

¹ Nascida em um sítio familiar nos arredores de Fortaleza, em 2 de setembro de 1933. Rachel, que tinha 23 anos quando a teve, honrou sua avó e sua mãe, ambas com o antropônimo de Clotilde, ao batizar essa sua única filha com o mesmo nome de suas ancestrais maternas mais diretas. A criança fora concebida com o bancário e poeta José Auto da Cruz Oliveira, então companheiro sentimental de Rachel de Queiroz, e veio ao mundo pelas mãos de Dona Júlia que, anos antes, trouxera à luz à escritora. Infelizmente, a pequena Clotilde foi acometida de uma meningite e faleceu no dia 14 de fevereiro de 1935. Estava com um ano, cinco meses e doze dias. A família morava em Maceió no momento devido ao trabalho de Auto, que o transferia amiudadas vezes Brasil adentro. Três meses após essa morte trágica, morreu Flávio, o irmão favorito de Rachel, devido a uma infecção generalizada que adveio de uma espinha inflamada em seu rosto. Ele tinha 18 anos. Essas perdas extemporâneas e inesperadas abalaram-na e estremeceram a relação do casal, que se separou em 1939. Disponível em: https://ims.com.br/por-dentro-acervos/a-grande-perda-de-rachel-de-queiroz_elvia-bezerra/. Acesso em: 11 nov. 2023.

2.5 O desafio e o estigma de ser singular e feminina em uma sociedade plural e falocêntrica

As femenegeadas neste artigo foram mulheres nordestinas, cultas, advindas de famílias abonadas, influentes e pautadas em valores conservadores e cristãos. Vocacionadas para a escrita ainda na adolescência, foram pioneiras e, direta ou indiretamente, cada uma imprimiu espelhamentos de suas histórias de vida em suas *Magna Opera* (plural de *Magnum Opus*).

Até bem entrado o século XX, no Ocidente, foi destinado à mulher um desejável papel trino de esposa, mãe e dona de casa. O realismo doméstico, tal como expõem Câmara e Câmara (2023) e Ribeiro (2010), era pautado em conceitos patriarcais e na dedicação da mulher para manter uma relação submissa e respeitosa com o esposo, filhos saudáveis e um lar harmonioso e higienizado, auto anulando-se quanto a seus desejos e necessidades.

Francisca Clotilde casou-se ainda na adolescência, mas não deixou de ser submissa ao esposo ao retornar para Baturité com parte da prole que tivera fora do casamento e reencontrá-lo ali. A subordinação ao poder legítimo deste marido em relação à colonização do corpo dela por ele, como seu cônjuge, fez com que tivessem juntos duas filhas após essa reaproximação. Mas Francisca Clotilde foi insubmissa ao padrão de “Anjo do Lar” (Gilbert; Gubar, 1979), permitindo-se desenvolver suas habilidades – completamente distintas das funções domésticas –, no espaço público. Tornara-se uma intelectual respeitada muito precocemente e rompeu inúmeros obstáculos para atuar no Magistério, transpondo a falta de acesso à Educação Básica, que era negado à grande maioria das mulheres, e mantendo o foco na emancipação das mesmas.

Rachel de Queiroz igualmente não coube na forma do ideal imposto para as mulheres contemporâneas a ela. Casou-se duas vezes; seguiu seus norteamentos políticos e devido a eles foi presa e socialmente julgada; escreveu e publicou intensamente, enfrentando a hegemonia masculina na Literatura e sendo amplamente reconhecida por seus escritos, ganhando prêmios e sendo a primeira mulher a ser imortalizada na Academia Brasileira de Letras e, muitos anos depois, na Academia Cearense de Letras.

De mulher abandonada à condição de amasiada, Francisca Clotilde, que já não era bem-aceita socialmente por sua presença atuante no espaço público, sofreu forte estigma após a publicação de seu único romance, *A Divorciada*, em 1902. Rachel de Queiroz, por outro lado, não teve tantos estigmas, mas sua vida foi pautada por avanços e retrocessos, aplausos e apupos, vitórias e derrotas. No entanto, diferentemente de Clotilde, Rachel aquiesceu quando a repressão militar lhe bateu à porta, logo após o Golpe de 1964, e ela a abriu – o que a descredenciou perante suas/seus iguais quanto a suas convicções outrora tão ardorosamente defendidas (Almeida, 2012).

Socialmente, o estigma tem por função a distinção de uma pessoa disfuncional às regras e normas de conduta desejáveis e é imbuído de preconceitos e ausência de reflexão sobre o quanto o ato de discriminação fere animicamente o sujeito diretamente envolvido, afetando-lhe a autoestima, a potência pessoal e o sentimento de pertencimento, como defende Goffman (2021). De acordo com Câmara (2020), o sofrimento psíquico apenas se manifesta se quem o vivencia o percebe de fato. A percepção social é um constituinte fundamental da construção dos modos de subjetivação de um sujeito, que se forma através do somatório de absorção e interpretação de vivências intra e interpessoais. Quando internalizado por crenças distorcidas, passa a potencializar sentimentos de auto rechaço, auto exclusão, culpa, raiva, medo, vergonha e inutilidade, em conformidade com Zanonato *et al.* (2021).

A maior transgressão de Francisca Clotilde, em seu polêmico livro, possivelmente encontrava-se no título e no reflexo de sua própria vida nele, com conteúdos de cunho romântico e moralista; em absoluto fazendo referência a qualquer transgressão de emancipação feminina. O tema foi tratado na obra de forma discreta e cuidadosa, sem romper minimamente com o patriarcado vigente e retrata o amor sincero de dois jovens de classes sociais distintas e que vence os mais diversos obstáculos para que seja consolidado.

Em Rachel de Queiroz, a vivência do estigma veio com sua atuação política. Embora seu *Magnum Opus* tenha sido a princípio julgado como não tendo sido escrito por uma mulher, logo passou a ser aclamada justamente por isso: por haver sido escrito por uma mulher – **uma mulher JOVEM e DESCONHECIDA, uma ESTREANTE no beletrismo.**

Independentemente de suas narrativas e trajetórias, ambas, cada uma a seu modo, sentiu o frio acolhimento às suas grandezas, principalmente porque ousaram ser quem eram em uma época na qual a subjetividade feminina era fagocitada sem questionamento pela volição masculina.

Neste artigo, nestas breves linhas, apresentamos um pouco do muito que Francisca Clotilde e Rachel de Queiroz significaram e significam para a Literatura e para as lutas das mulheres que o Cânone Literário Brasileiro e a historiografia literária, por mais que tenham se esforçado para ostracizá-las completamente, falharam, para sorte delas – e nossa!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Femenagear Francisca Clotilde e Rachel de Queiroz é trazer a lume as vidas e as vastas obras destas grandes escritoras cearenses progressistas e pioneiras que foram ostracizadas em

medidas desiguais pelo falocentrismo imerso em valores cristãos, patriarcais e conservadores agregados ao nosso Cânone Literário e à historiografia literária em nosso país.

Ambas tiveram dois casamentos, envolveram-se em questões políticas e culturais de seus contextos e suas produções foram marcadas por inconformismos a partir de escritos publicados em jornais e revistas locais, que as conduziram aos ineditismos que representam na Literatura Cearense e na Literatura Brasileira.

Seus atos vanguardistas foram acompanhados pela crítica implacável, especialmente contra Francisca Clotilde, antipatizada e indesejada nos ciclos sociais pelos que transitou. Julgada por suas convicções ideológicas e ações inéditas, foi punida com o mais completo desprezo e a mais cruel indiferença – não apenas em relação à sua pessoa como também em relação à sua obra-prima –, que foi relegada ao olvido por quase cem anos, mas que resistiu.

Francisca Clotilde e Rachel de Queiroz, intelectuais pioneiras cearenses, representantes fidedignas de suas conterrâneas e contemporâneas – **PRESENTE, AGORA E SEMPRE!**

DEDICATÓRIA *IN MEMORIAM*

Este artigo é dedicado – com **MUITO AMOR, GRATIDÃO, SAUDADE E INOLVIDÁVEIS LEMBRANÇAS** – a **VADINHO RABELO CÂMARA**, *in memoriam...*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. de A. *Mulheres Beletristas e Educadoras: Francisca Clotilde na Sociedade Cearense – de 1862 a 1935*. 2012. 356 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2012.

ALMEIDA, L. A. de. *Francisca Clotilde e a Palavra em Ação (1884-1921)*. 2008. 262 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

ALMEIDA, L. A. de. Francisca Clotilde: uma escrita pelo Ceará. *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História* – ANPUH, 2007, p. 1-9.

ALMEIDA, L. A. de. Gênero e Trajetória Biográfica: a História da Ousada e Esquecida Francisca Clotilde. *Anais do XII Encontro Regional de História da ANPUH-RJ – Usos do Passado*, 2006, p. 1-10.

BEZERRA, E. Por Dentro dos Acervos – A grande perda de Rachel de Queiroz. *IMS*. Disponível em: https://ims.com.br/por-dentro-acervos/a-grande-perda-de-rachel-de-queiroz_elvia-bezerra/. Acesso em: 11 nov. 2023.

BRANDOLT, M. R. Francisca Clotilde pelo Divórcio In: *Revista Falas Breves*, n. 3, 2016, p. 77-84. Disponível em: <https://www.falabreves.ufpa.br/index.php/revista-falas-breves/article/view/39/45>. Acesso em: 13 ago. 2023.

CÂMARA, Y. M. R.; CÂMARA, Y. R. Um olhar direcionado para a personagem Dona Lola a partir de uma revisita à obra literária Éramos Seis. In: CÂMARA, Y. R. (Org.), *Das Brumas à Luz – Escritoras Nacionais em Pauta*, Vol. 2. Tutóia: Editora Diálogos, 2023, pp. 285-327.

CÂMARA, Y. M. R. Enfrentamento do sofrimento psíquico à luz da logoterapia e análise existencial. *Anais do XX Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa*, Universidade de Fortaleza. Fortaleza, 2020, p. 1-6.

CÂMARA, Y. M. R.; CÂMARA, Y. R. Campos de Concentração no Ceará: uma Realidade Retrutada por Rachel de Queiroz em *O Quinze* (1930). In: *Revista Entrelaces – Revista de Pós-graduação em Letras da UFC*, Fortaleza, vol. 5, n. 6, 2015, p. 167-177. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23403/1/2015_art_ymrcamarayrcamara.pdf. Acesso em: 12 nov. 2023.

CÂMARA, Y. R.; CÂMARA, Y. M. R.; SOUTULLO, M. R. O Quinze: revisitando a importância de Rachel de Queiroz para a cultura cearense, a literatura brasileira e o feminismo no Brasil do século XX. In: *Revista Entrelaces – Revista de Pós-graduação em Letras da UFC*, Fortaleza, vol. 5, n. 6, jul./dez., 2015, p. 116-130. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23399>. Acesso em: 13 ago. 2023.

CATTAPAN, J. C. R. O quinze: contrastes e tensões. In: *Revista Diadorim*, vol. 7, Dossiê Rachel de Queiroz, Rio de Janeiro, 2012, p. 99-114. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3910/15752>. Acesso em: 19 set. 2023.

CLOTILDE, F. *A Divorciada*. Fortaleza: Typ. Moderna, 1902.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. São Paulo: Editora LTC, 2021.

GOMES, C. M. A aula de alteridade em *O quinze*. In: *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 7, Dossiê Rachel de Queiroz, 2010, p. 45-56. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3905/15747>. Acesso em: 12 nov. 2023.

GUERELLUS, N. de S. Rachel de Queiroz: mulher, escritora, personagem. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História – ANPUH*, Fortaleza, 2009, p. 1-11.

GILBERT, S.; S. GUBAR. *The Madwoman in the Attic. The Woman Writer and the Nineteenth-century Literary Imagination*. New Haven: Yale, 1979.

HAI DUKE, A. A. *Chão Partido: conceitos de espaço nos romances O quinze de Rachel de Queiroz e A bagaceira de José Américo de Almeida*. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

OLIVEIRA, M. E. de; FREIRE, M.; CHAVES, S. W. F. Rachel de Queiroz: uma mulher à frente do seu tempo. In: *Pontos de Interrogação*, vol. 2, n. 1, 2012, p. 203-215. Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1541>. Acesso: 13 set. 2023.

PAIXÃO, E. da C. *A professora primária no sertão cearense dos anos 30, do século XX: imagens literárias da escola no romance O Quinze*, de Rachel de Queiroz. 2017. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso / Monografia (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017.

QUEIROZ, R. de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 1937.

RAMOS, G. *Linhas tortas*. São Paulo: Record, 1982.

RIBEIRO, B. O. Realismo Doméstico de Maria José Drupé. In: *Literatura e Sociedade*, vol. 15, n. 14, 2010, p. 148-169. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/64235>. Acesso em: 13 out. 2023.

RIBEIRO, L. A dos S. O Quinze, de Rachel de Queiroz: aspectos autobiográficos y de género. In: *Gênero na Amazônia*, 2012, p. 133-162. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13123>. Acesso em: 12 nov. 2023.

RIBEIRO, M. A. A sertaneja que não quis ser traduzida: Rachel de Queiroz e os Livros do Brasil. In: *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 53, 2013, p. 13-26. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28937/1/maria_aparecida_ribeiro.pdf. Acesso em: 12 nov. 2023.

SCOVILLE, A. L. M. L. de. *Literatura das Secas: Ficção e História*. 2011. 240 f. Tese (Doutorado em Letras Estudos Literários) – Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

SILVA, R. A. da. Francisca Clotilde: entre a Permanência e a Ruptura. In: *Fênix – Revista História e Estudos Culturais*, vol. 13, n. 1, 2016, p. 1-17. Disponível em: <https://revistafenix.emnuvens.com.br/revistafenix/article/view/700>. Acesso em: 19 set. 2023.

SOUSA, E. M. A.; MORAIS, S. S. G. Da Representação à Resistência: Uma análise da obra “A Divorciada”, de Francisca Clotilde. In: SILVA, M. O. (Org.). *Protagonismos de Mulheres nas Artes e na Sociedade: Da representação à resistência*. vol. 2. Tutóia: Editora Diálogos, 2021, pp. 87-96.

ZANONATO, E. R.; COSTA, A. B.; AOSANI, T. R. Precisamos falar sobre a depressão: estigma com relação a este sofrimento psíquico na contemporaneidade. In: *Brazilian Journal of Development*, vol. 7, n. 1, 2021, p. 1-19. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/23949/19216>. Acesso em: 13 ago. 2023.